



FOLHA DOMINICAL

Domingo VIII do Tempo Comum

Primeira Leitura (Ben Sirá 27, 5-8 (gr. 4-7))

Quando agitamos o crivo, só ficam impurezas: assim os defeitos do homem aparecem nas suas palavras. O forno prova os vasos do oleiro e o homem é posto à prova pelos seus pensamentos. O fruto da árvore manifesta a qualidade do campo: assim as palavras do homem revelam os seus sentimentos. Não elogies ninguém antes de ele falar, porque é assim que se experimentam os homens.

Com um dito sapiencial e com imagens retiradas da natureza e da olaria, o autor do Eclesiástico fala da relação entre aquilo que uma pessoa é e o que expressa ao comunicar-se com os outros. Reafirma assim a ideia de que o nosso modo de ser se manifesta no nosso modo de agir. Concretamente, a linguagem surge como algo especialmente significativo para confirmar a aparência externa. Para o autor, a linguagem não engana; pelo contrário, são as aparências que o fazem. Adverte sobre a insensatez de exaltar alguém sem que passe pelo crivo da sua própria linguagem e sem ser reconhecido pelos seus frutos. Apesar de não termos acesso ao mundo interior de uma pessoa, à sua cosmovisão e à sua escala de valores, a linguagem expõe-no ao escrutínio público, pois traz à luz o mundo interior de cada um, tanto o bom como o mau. A imagem da oficina de olaria alude ao fogo no seu poder de aniquilar, mas também de fortalecer e purificar. Isto é comparado com a conversa de uma pessoa, considerando que esta revela a sua qualidade e o valor das suas convicções. O Salmo 91 também recorre a imagens vegetais e aprofunda a ideia de que é justo aquele que dá fruto até ao final da sua vida. Mais do que uma oração de ação de graças, é uma reflexão sapiencial. A recompensa do justo expressa-se numa vida longa, num vigor inquebrantável e num louvor incessante ao Senhor, o único fiel, cuja lealdade é firme como uma rocha.

Segunda Leitura (1 Cor 15, 54-58)

Irmãos: Quando este nosso corpo corruptível se tornar incorruptível e este nosso corpo mortal se tornar imortal, então se realizará a palavra da Escritura: «A morte foi absorvida na vitória. Ó morte, onde está a tua vitória? Ó morte, onde está o teu aguilhão?». O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei. Mas dêmos graças a Deus, que nos dá a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, caríssimos irmãos, permanecei firmes e inabaláveis, cada vez mais diligentes na obra do Senhor, sabendo que o vosso esforço não é inútil no Senhor.

A transformação operada na ressurreição é aqui compreendida como a superação do que é corruptível pelo que é incorruptível. Para Paulo, apenas um corpo incorruptível torna possível a participação na salvação. O texto situa esta transformação do corpo num momento concreto, um «quando» que é o momento de Deus. Com a citação de Isaías 25,8, sublinha a realização desta mudança como expressão da vitória de Deus sobre a morte; uma vitória que já tinha começado com a ressurreição de Cristo. A esperança firme nessa vitória anima Paulo a desafiar a própria morte, recorrendo ao texto de Oseias 13,14. A certeza da vitória expressa-se através de duas frases interrogativas construídas em paralelo. O veneno que a morte injeta com o seu «agUILhão» sobre os seres humanos não representa a sua destruição definitiva, pois Cristo ressuscitou e nós, que participamos na sua morte, participaremos também na sua ressurreição. O tom retórico muda com a identificação do aguilhão da morte com o pecado e da força do pecado com a lei. Com esta tripla relação, afirma que a certeza da vitória futura se estenderá também ao pecado e à lei. Neste horizonte insere-se a ação de graças dirigida a Deus, pois em Cristo Ele nos concedeu a vitória sobre todos os inimigos. A exortação final aprofunda a importância de enfrentar aqueles que, entre os coríntios, negavam a ressurreição dos mortos. Ao mesmo tempo, pede que se contribua para a obra do Senhor, ou seja, para a difusão da Boa Nova.

Evangelho (Lc 6, 39-45)

Naquele tempo, disse Jesus aos discípulos a seguinte parábola: «Poderá um cego guiar outro cego? Não cairão os dois nalguma cova? O discípulo não é superior ao mestre, mas todo o discípulo perfeito deverá ser como o seu mestre. Porque vês o argueiro que o teu irmão tem na vista e não reparas na trave que está na tua? Como podes dizer a teu irmão: ‘Irmão, deixa-me tirar o argueiro que tens na vista’, se tu não vês a trave que está na tua? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e então verás bem para tirar o argueiro da vista do teu irmão. Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. Cada árvore conhece-se pelo seu fruto: não se colhem figos dos espinheiros, nem se apanham uvas das sarças. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, da sua maldade tira o mal; pois a boca fala do que transborda do coração».

Aqui termina o «sermão da planície» (Lc 6,12-49), que revelou quais são as atitudes do verdadeiro discípulo. A mensagem expressa nas bem-aventuranças e nas exortações que se lhes seguem é agora reforçada com a apresentação de três parábolas. Estas são expostas através de perguntas retóricas e sentenças interligadas entre si. A referência a «um cego a guiar outro cego» alude aos falsos mestres. Os discípulos não devem agir dessa forma, mas devem ser instruídos ouvindo o ensinamento de Jesus. Naquela época, a maior aspiração de um discípulo era ser o portador do ensinamento do seu mestre; para que isso aconteça, os discípulos devem estar em contínuo aprendizado. A «palha» no olho alheio é uma advertência para aqueles que consideram insignificantes os seus próprios erros em comparação com os dos outros. Aqueles que são chamados a ser guias devem ver com clareza e reconhecer o caminho. Há aqui um apelo à consciência da necessidade de cura interior, à renúncia ao julgamento dos outros e ao reconhecimento das próprias falhas.

Tornar-se mestre dos outros e propor mudanças implica humildade e a recusa em julgar o interior das pessoas. A sentença final centra-se no tema essencial: o bom discípulo é aquele que primeiro abriu os olhos, vive em atitude de conversão e tem um coração bom. Contudo, este processo interior deve manifestar-se num compromisso externo e concreto.

Deus nas letras humanas

Prospecção

Não são pepitas de oiro que procuro.
Oiro dentro de mim, terra singela!
Busco apenas aquela
Universal riqueza
Do homem que revolve a solidão:
O tesouro sagrado
De nenhuma certeza,
Soterrado
Por mil certezas de aluvião.
Cavo,
Lavo,
Peneiro,
Mas só quero a fortuna
De me encontrar.
Poeta antes dos versos
E sede antes da fonte.
Puro como um deserto.
Inteiramente nu e descoberto.

Miguel Torga

Avisos Paroquiais | 2 a 9 de março

02 | VIII Domingo do Tempo comum

03 | Reunião com a direção do agrupamento de escuteiros | 21:30

05 | Início da Quaresma - Dia de jejum

Laudes na Igreja | 08:00

Celebração de Cinzas | 16:00 e 21:30

07 | Noite de oração em família | 21:30

09 | I Domingo da Quaresma

10 | Outras leituras | 21:30 | Centro Pastoral

Auxílios para uma Santa Quaresma

Laudes | de segunda a sábado | 08:00 | Igreja

Vésperas | de terça a sexta | 18:30 | Igreja

Adoração ao Santíssimo - Quartas-feiras na Capela de Santa Maria Maior | 16:00

- Sextas-feiras na Igreja paroquial | 17:00

Confissões - Segunda-feira das 11:00 às 12:00

- Terça-feira a Sábado | 18:30

A indulgência plenária, segundo o roteiro da nossa Igreja jubilar, poderá ser alcançada à segunda-feira: Confissões 11:00 e Eucaristia às 12:00; e de terça-feira a sábado: confissões 18:30 e Eucaristia às 19:00